

valter hugo mãe

o nosso reino

prefácio de
Ferreira Gullar

Prefácio

ESCRITA QUASE FALA

Porque não sou crítico literário, escrevo sobre este livro de Valter Hugo Mãe como um leitor comum. Isso tem, evidentemente, uma desvantagem, tal seja a de não saber situá-lo no conjunto da produção romanesca contemporânea mas, em compensação, guarda uma virtude: a de tê-lo lido como uma descoberta, uma surpresa.

Poderá o leitor alegar que, não sendo capaz de situá-lo criticamente, minha apreciação carece de objetividade. Trata-se de um reparo pertinente mas que, em compensação, possibilitou-me apreendê-lo no que tem de próprio ou que parece tê-lo.

E foi, de fato, o que aconteceu: desde as primeiras páginas, me vi surpreendido pelo modo inusitado como o texto é escrito. E já então agora me pergunto: elaborado?

Eis uma questão que este livro de Valter Hugo Mãe nos coloca: a narrativa é de tal modo fluente e espontânea que parece ter brotado naturalmente, sem qualquer preocupação estilística ou narrativa.

Tenho, porém, minhas dúvidas, mesmo porque, como se sabe, em literatura, a espontaneidade e a fluência, ao contrário do que se pode pensar, não são frutos da inocência mas

da mestria, do domínio técnico e da elaboração vocabular. Ou seja, em literatura, a espontaneidade não é um presente dos deuses e, sim, uma conquista do escritor. Trata-se, pois, de uma naturalidade conquistada. E é isso que estou certo de ter apreendido na leitura deste livro, e que talvez seja a sua qualidade principal.

Melhor dizendo: ao lê-lo foi como se ouvisse alguém sussurrando a meus ouvidos o modo como viviam, agiam, pensavam e se confundiam os habitantes de determinado povoado, ou sono ou sonho, contado por um menino que acreditava em Deus e se sentia mesmo tocado pela graça divina. Sabe-se que aquele era um mundo português, não só porque essa é a língua que falam mas também por estarem ali presentes gentes e lendas de angolanos e moçambicanos, todos envolvidos pelas mesmas crenças, lendas e temores.

A narração do autor é quase que um sussurrar de lembranças, o resgatar de um tempo vivido entre o temor e a confiança nos valores divinos. Mas esse falar deixa às vezes de ser sussurro, como no início do capítulo 8, quando a linguagem se torna menos mansa e lógica, para então enfurecer-se, tornar-se deliberadamente incongruente e torna-se alquimia verbal.

Neste momento, o leitor se defronta com a estranheza da escrita, melhor dizendo, da fala do autor. Não obstante, esse é apenas um momento mais intenso, porque, na verdade, toda a narrativa de Valter Hugo, neste livro, é subversiva, aparentemente natural mas, de fato, estranha. Posso até imaginar que tenha ele pretendido fingir que quem escreveu

aquilo seria um menino de oito anos. A verdade, porém, é que, como o livro não foi escrito por um menino mas pelo autor adulto, resulta uma escrita altamente sofisticada, como um poema em prosa.

Ferreira Gullar, 2015

Tu és o herdeiro. Filhos são herdeiros,
pois que os pais morrem.
Filhos estão e florescem.
Tu és o herdeiro.

Rainer Maria Rilke, *O Livro de Horas*

ao mário azevedo

UM

era o homem mais triste do mundo, como numa lenda, diziam dele as pessoas da terra, impressionadas com a sua expressão e com o modo como partia as pedras na cabeça ou abria bichos com os dentes tão caninos de fome.

era o homem mais triste do mundo, diziam, incapaz de fazer mal a alguém, apenas metendo dó, com olhos de precipício como se vazios para onde as pessoas e as coisas caíam em desamparo. mas era impossível não os fitarmos, fascinados por eles como ficávamos, e era com eles que iluminava o caminho à noite, garantiam alguns, quando se embrenhava pelo mato em direcção à sua terrível toca secreta ou o que pudesse haver para lá do emaranhado desconhecido de onde vinha e para onde se escondia. era com os olhos, como lanternas, que competia com os bichos da noite, perplexos com tal ser. sabia-se que ficava horas a fio, noites de vigília, sentado em velhos troncos ou rochas altas, a percutir o silêncio, como um emissor de silêncio, e só aqueles olhos se viam na escuridão, um farol para espíritos, quem o saberia, como se alguma coisa, ou alguém, fosse chamado por eles. eles ali, repetidamente em redor, a apelar.

era um homem todo diferente. quantas vezes se contava de como saltava pelas árvores. quem não jurara tê-lo visto

no tempo da caça a apreciar empoeirado nas copas, e como se faria viajar agilmente pelos ramos, muitas vezes intrrometido a afugentar os animais. um homem irrepetível e nada semelhante com algo de que se soubesse, coisa da terra, ar ou água, tudo se alheava de lhe corresponder. e eu juro que o vi voar por sobre o casario numa noite de inverno. não saíamos para nada, havia medo por toda a vila, o mar subira até à marginal e estavam automóveis revoltos nos sargaços e sabe-se lá quantos homens teriam naufragado à entrada das docas. a minha mãe chorava no interior dos quartos, a guardar os meus irmãos em cobertores como se estivesse frio, e o uivo dos cães do avô, recolhidos na cozinha, entoava pelos corredores a parecer vozes dessa gente aflita. as portas fechavam-se para que se detivessem, mas os animais sabiam, pensava eu, e por isso traziam o aviso. ele passou muito lento por sobre nós, ouvíamos-lo pairar, as vestes fustigadas pelas chuvas e um lamento gutural a sair-lhe da boca, estava como enrolado de ventos em tarefas cansativas. a minha mãe jurou que não o viu, mas eu sabia que era só para que não tivéssemos medo quando ele viesse por nós.

eu descobri muito cedo, o homem mais triste do mundo recolhia os mortos, juntava-os um a um nos braços, e dava-lhes terra e silêncio para comerem, até que parecessem a terra e o silêncio e os pudéssemos voltar a ter entre nós, como os que ficavam segurando e rodeando as flores do jardim só capazes de sussurrar na aragem mais leve. mortos de terra entre nós, para entre nós preservarem uma ligação

com as nossas almas, eram como um perfume débil percebido apenas pelas gentes mais sensíveis.

naquele dia os pescadores não deram à costa. eram muitos e o homem mais triste do mundo não teria tempo para que julgássemos sepultá-los numa salvação qualquer. quase sugeri que nos perdêssemos arvoredo dentro, em busca desse lugar onde estariam postos. escapuli longo tempo a ver as entradas dos caminhos principais, sabia que todos se frustravam em algumas centenas de metros, nenhum seguia para onde eu pudesse ir sem me perder. quase o quis, mas o pedido de minha mãe era ensurdecador, nunca sigas além da estrada da vila, onde começam as árvores é o fim do mundo, não há nada para se ver. eu punha a mão no peito e desacelerava o coração rezando, que deus tivesse piedade, os anjos e os santos nos acolhessem no feitiço da vida e nos dessem a salvação.

o homem mais triste do mundo vivia no fim do mundo e para lá levava os mortos. a minha mãe dizia que eu haveria de viver até aos cem anos, conheceria mil homens e mil mulheres, e seria um anjo no céu e nunca uma carcaça velha no inferno. mas, visto da janela do meu quarto, o céu era sempre aquele pedaço de temporal onde ele voara, e abertas as portadas, mesmo por detrás dos vidros, soprava no vento o seu lamento daquele dia. era um som activado pelo lugar, tão forte se deixara na sua memória.

aos domingos, quando descíamos para a missa e o caminho até ao centro da vila se enchia de vizinhos, parecíamos todos felizes. parávamos para comprar bolos na mercearia,

podíamos ver os amigos da escola vestidos a rigor, como nós, e havia sempre um a parecer ridículo, embelezado com toques quase florais das mães tão zelosas. víamos e ouvíamos muito, atendendo à eucaristia em silêncio temendo os olhos de deus. aos domingos, através das pequenas dádivas, subíamos ao senhor para nos purificarmos e esperar de vida. e ele estava ali, sentava-se no muro do cemitério e observava as pessoas a entrar. ficava silencioso, parecendo esperar por que saíssemos no fim, quando vínhamos crentes de que deus nos deixaria chegar até à noite de mais um dia. só eu o via como um predador, conferindo as almas de cada um, para lhes saber da vida, assegurando-se do seu trabalho, como se as inspecionasse para saber quem seria recolhido a seguir.

claro que temi sempre que viesse por mim. por isso media os meus actos, temia a deus, qualquer erro poderia abrir-me as portas do inferno, que a minha convicção era a de que ficar vivo muito tempo significava merecer, longe de saber que as crianças eram anjos e pertenciam ao paraíso por direito. eu estava como uma seta apontada ao inferno, eram os medos, todos os dias, a cada noite, um medo subtil de alguém que viesse e soltasse enfim a corda do arco onde me apoiava. no meu silêncio escondia qualquer indício do que pudesse reçar. a minha mãe abraçava-me longamente, como a sufocar dentro dela a visão que tivéramos ou algum segredo que me contivesse, e era a sua boca fechada que permitia a entrada dos espíritos na minha cabeça, permitia que o homem mais triste do mundo fosse quem recolhia

os mortos. e eu continuava naquela corda como um funâmbulo, com a sensação de que a cada passo haveria de tombar à boca do inferno.

o manuel, o meu amigo da mercearia, dizia que se o homem mais triste do mundo nos tocasse enfiávamos-lhe um pau no cu. eu estremei da primeira vez que mo disse, porque o faríamos, se só mete dó, não prejudica ninguém. ou estaria eu certo, viria vigiar-nos como procurando alimento. e que poderia eu perguntar. víamo-lo de longe, acho que cada vez de mais longe, a passar pesaroso e escuro, e eu a medo a acender-lhe no cu uma luz, como uma marca, um lugar vulnerável, nojento, por onde o poderíamos vencer. sabes, imaginava o manuel, deve comer as pessoas e na sua barriga transformá-las em bichos ferozes que lhe saem pelo cu à noite. se se fechasse morreria entalado com o seu próprio banquete. e eram bichos terríveis, a sair dali cheios de pernas e vermelhos em fogos e labaredas infinitas, deixando-se a percorrer os caminhos fazendo proliferar a caça. meu deus, imaginas o que seja isso que fará à noite, lá escondido nos seus cantos, pernas abertas a produzir o seu exército. que coisas dizes, manuel, mais me deixas assustado.

foi nessa altura que os meus avós trouxeram lá para casa um empregado novo. tinha um jeito torto de responder, diziam-lhe que a má educação haveria de o pôr no inferno. via-o morbidamente, passava por todos os lados da casa, a biscatear dia inteiro as coisas do avô. eram os pregos, o automóvel, a apanha da uva, o telhado, a graxa nas botas, o jornal às oito da manhã, e sempre o resmungo garantido, como

um serviço mal prestado por dentro, algo a que se junta um veneno ou um mau-olhado. ficávamos a comentar. lembro-me de perguntar, o meu pai entendia que as pessoas tristes durante muito tempo ficavam de mal com a vida, e podiam nunca se curar, dizia-mo com uma gravidade assinalável, eu acabava sempre por ter pesadelos profundamente impressionado, como a descobrir nas expiações da minha consciência motivos para ser feliz e me salvar ao estragamento da vida. achava-o ainda muito novo, o senhor luís, estava entre o meu pai e o meu avô, os cabelos não eram brancos e andava muito rápido quando queria, o que o fazia usualmente suar. era uma mancha nas costas que lhe enegrecia a camisa e se perdia para dentro das calças, onde lhe imaginava o buraco do cu molhado como uma lanterna capaz de funcionar debaixo de água. era o pior, assustava-me. já sabia que teria nascido do banquete do homem mais triste do mundo, que haveria de ter surgido numa noite a partir daquele cu para se tornar um seu servo. o manuel quis matá-lo, uma vez, quando se assustou a sério, como eu a cada momento, e jurou que vira um fantasma. chegámos a correr para a cozinha a buscar a faca maior de todas, haveríamos de o apunhalar pelas costas para que não tivesse possibilidade de fuga, e quando o matássemos esvanecer-se-ia em fumo e subiria para o lugar das almas proscritas. sabes, há-de ser um lugar com paredes de chumbo, todo a arder no interior e sem janelas, sem portas, só uma combustão contínua como suplício inimaginável. como uma caixa. ou então desceria para o centro da terra onde a lava de todos os vulcões se contém, eu julgava que se continha à espera de saber se no

fim vence o bem ou o mal. ou o homem mais triste do mundo viria à nossa porta reclamar o corpo.

estancámos os dois no meio do chão, que o homem mais triste do mundo se viesse poderia querer explicações. se mandava na morte ou se sabia dela melhor do que nós, como poderíamos ultrapassá-lo e fazer o seu trabalho. o manuel achava que deveríamos rezar então, para que deus o matasse segundo o nosso pedido. que o afastasse, se maligno era, que morresse. e por deus nos ajoelhámos ao pé do meu cristo e sossegámos. por dentro, inconfessavelmente, eu disse um palavrão, mata aquele filho da mãe, meu deus. e depois arrependi-me e não consegui rezar nem pedir mais nada. todo por dentro era um animal em pânico. incapaz de pedir socorro ao manuel, que parecia tão competente na reza que propôs. estivemos assim um bom tempo. comigo supostamente a tratar da salvação do mundo, mas apenas agonizando pela ideia terrível de estar em pecado, praguejando e perdendo para sempre a ingenuidade bonita de ser apenas uma criança.

a minha avó rezava ao seu cristo que me tirasse as minhocas da cabeça. não sabia que haveria eu de ter, mas via-me nos olhos a timidez e alguma incompletude, avisava a minha mãe, o miúdo é meio sério, há que ver o que tem, parece preocupado, pode ser um ar que lhe entrou. e ensaiava um gesto de bênção com a mão, a partir da sua quietude na cama, como se apontasse um objecto a que quisesse chegar mas que, resignadamente, soubesse já não poder alcançar. eu baixava os olhos num sorriso simples, a minha mãe abraçava-me e convencia-se de que eu seria perfeitamente normal. é

um menino inteligente, sabe mais do que os outros, por isso se porta tão bem. o que eu imaginava tornava-se mais perigoso ainda, porque me diziam que sabia coisas, e que coisas seriam confundia-as eu. zanzava pelo universo da casa à cata das evidências. a tomar conta, a medrar, numa vigilância muito ineficaz mas constante. eu só não encarava o medonho cristo da avó, porque pensava que ele, sim, seria capaz de entrar como um ar, pior do que os fantasmas insatisfeitos que habitavam na vila, a pedirem ajuda aos mais vulneráveis.

do monstro que passara a habitar a casa deixava-me eu ao largo, sem nunca lhe atrasar o passo. nunca lhe toquei, nunca estive realmente perto. eu tinha loucuras repentinas, como escapar por baixo das camas quando ele parecia encurralar-me em algum quarto, como eu a beijar a avó e ele a chegar com um medicamento para deixar na mesa-de-cabeceira. no entanto, de início, fazia parte da minha cობardia convencê-lo da minha boa-fé e merecer o seu aval, como uma autorização de sobrevivência, tentava encará-lo ao longe. nesse tempo era meu instinto iludir os inimigos, vulnerabilizá-los pela simpatia e conquistá-los, não para os abater, a minha fraqueza era avassaladora, mas para deixar de os temer, para os angariar. no entanto, ele foi sempre implacável, o olhar violento numa fúria latente, constante. eu acreditava que um dia um vulcão jorraria daqueles olhos, uma lava incandescente vinda do buraco daquele cu como merda maligna do inferno.

foi num domingo de páscoa, veio lá a casa o compasso, o padre filipe entrou no quarto da avó e deu-lhe a beijar a

imagem. a minha tia cândida disse que tinha conseguido que a missa ali viesse, só faltava o fantástico senhor hegarty a cantar para que ficasse completa. a minha tia suspendia-se de respirar, faltava-lhe a presença do cantor. faltava mesmo. comentava com uns e com outros que o senhor hegarty era preciso como as coisas de comer ou de beber. a sala estava repleta de vinhos de casa e doces que a minha mãe e a minha tia prepararam desde muito cedo. os homens comeram e beberam longamente. eu vi-os muito vermelhos entre as cadeiras onde preferiram não se sentar. e o monstro a cirandar, como a contá-los, um a um, meticulosamente. parecia um comprador ou alguém que tivesse perdido uma ovelha.

eu não largava o meu pai, e não tirava os olhos do estranho empregado. não dizia nada, circulava insistentemente, até cruzar o olhar comigo e parar. escapuli-me pelo corredor fora, apavorado como se o trouxesse comigo, e entrei quarto dentro descuidado atropelando o padre, cabeceando o pé da cruz e tombando pesado no chão. enquanto tudo se fez num clarão de dor, a gritaria aumentara sem sentido, estava bem, estava bem, mas na casa, no exacto segundo em que caí, alguém chamou a morte, alguém morreria. grito fechado em casa, como diria a minha avó mais tarde, a morte de alguém traz o seu grito. grito fechado em casa podia ser um mau-olhado eterno, uma carência que se espalhava, como uma insatisfação que se repartia pelo espaço a atingir quem o percorresse. e eu estava seguro de que fora ele. não pude ir à sala, estava no colo da minha mãe tremente, a minha avó a lamentar o não se poder levantar e o diabo a passar no

corredor e eu juro, olhou para mim com fogo nas ventas, não sei se sorrindo ou se furioso por ter falhado o alvo. e o diabo era de quatro patas, preto, cabeça em chamas.

dias mais tarde foi-se embora. incomoda o miúdo e é muito porco, não se lava ainda que lho ordenemos, argumentava a minha tia. e é muito pouco inteligente, a trocar alhos com bugalhos e satura-nos as almas. deixou tudo, desapareceu. no mesmo dia as mulheres foram ao seu quarto e meteram-lhe os pertences num saco de serapilheira que ficaria, à cautela, guardado no barraco do quintal durante um mês. nesse tempo só os cães do avô fungaram ali, que da família todos se quiseram arredar de tais objectos. depois queimámo-los e eu perguntei ao meu pai se não era antigamente que se queimavam as bruxas por serem más.

a minha mãe leu-me uma história nessa noite. falava de cavalos e árvores de fruto num lugar azul e amarelo, onde o sol descia sobre as pessoas para lhes aquecer a alma. nessa história um rapazito erguia-se nas montanhas para chamar os seus cavalos com um assobio, uma melodia como se fosse de flauta, e a planície enchia-se de crinas. o sonho do manuel era ter um cavalo, vira um uma vez quando o circo fora à vila. a minha mãe perguntou-me porque pedira eu que parasse, eu só quis pensar que o manuel gostaria de ouvir aquela história, mas naquela noite estava aterrorizado, porque queimáramos as coisas do monstro mau e eu tinha a sensação de que ele viria por nós. sabes, mamã, eu e o manuel queríamos matar o senhor luís, porque chispava e rosnavava como um bicho, e nem o homem mais triste do mundo

o veio buscar. o manuel sentiu tudo, na manhã seguinte confessou-me ter pressentido que o nosso medo secreto fora revelado a alguém. espantei-me de tanto e ficámos em silêncio um tempo, descobertos perante as coisas inexplicáveis, como se tivéssemos as cabeças abertas por cima e todos os seres do céu ou do inferno pudessem, afinal, ver claramente o que pensávamos. no meio das coisas inexplicáveis éramos assim uns recipientes de pensamentos sem tampa, e quem voasse ou vivesse nas aragens haveria de ter visibilidade perfeita para dentro das nossas cabeças.

ao padre tínhamos de contar tudo, mas eu pedira a deus que me desonerasse dessa obrigação. expliquei-lhe que não era pecado esconder algo, se pedíssemos primeiro a deus que nos permitisse o segredo. Confessava-me assim, já confessei, deus sabe e se ele quisesse muito que o senhor soubesse haveria de ter maneira de lho dizer. quando o padre me bateu da primeira vez fiquei perplexo. fiquei uma pedra presa ao chão, os joelhos a tremer como madeira tola a querer ferir o mármore, e calei-me. saí da igreja lento, sem chorar, a acreditar que o homem mais triste do mundo poderia trabalhar com ele e que a morte poderia ser uma coisa encomendada por uma pessoa para outra pessoa qualquer. eu morreria naquele dia, pensava eu, que um padre bater numa criança só podia ser trabalho da morte. no muro do cemitério, com o cu protegido pela pedra, estava ele sentado a ver-me passar. eu não haveria de fraquejar, hesitar ou abrandar. ia lento mas sem alteração, sabendo-o ali pelo canto do olho, eu em fuga, cheio de medo.